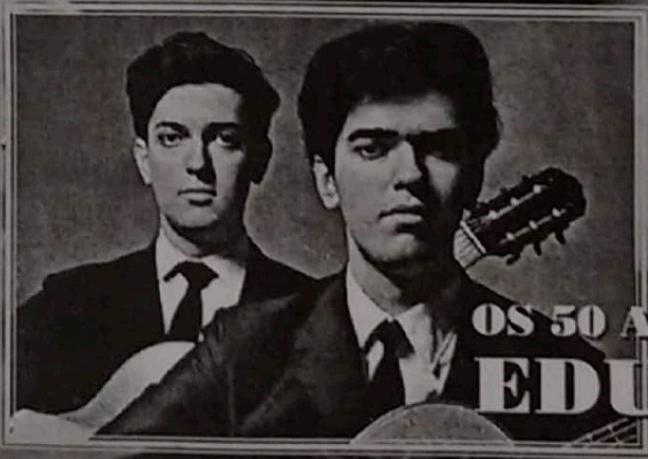


Nº 36 Ano VII JUL/AGO 1999

Violão Intercâmbio

**MARIA LIVIA
SÃO MARCOS**
Uma grande
musicista brasileira



OS 50 ANOS DE
EDUARDO ABREU

As atividades musicais envolvendo o violão entram no segundo semestre com intenso calendário de eventos na cidade de São Paulo e em alguns pontos do Brasil, dos quais recebemos notícias. Apesar do espaço de **Violão Intercâmbio** ser totalmente livre e franqueado a todas as programações violonísticas, ainda assim nem todos, estranhamente, querem ver seus trabalhos registrados e difundidos nas páginas deste boletim, que, insistimos, é de todos.

Em contrapartida, muitas pessoas já entenderam a independência que o **Violão Intercâmbio** tem, não hesitando em divulgar suas atividades, seja dar aulas, fazer violões, organizar um recital ou uma mostra, divulgar seu endereço ou e-mail, enfim.

Às vezes, por atraso no envio das datas, não publicamos o material na seção Agenda, mas sempre que possível colocamos uma nota na seção Notícias - quer dizer, nada impede que o colega envie-nos as novas sobre suas atividades.

Entramos neste assunto porque muitos leitores comentam conosco que a Agenda é pequena e pouco cobre o território nacional, dando a impressão de que sempre os mesmos estão na área. Realmente, esta é a impressão que fica, pois como já dissemos uma considerável parte dos eventos acontece sem que ninguém de fora fique sabendo. Mas reiteramos nosso compromisso e apelamos para o mínimo de bom senso para que os colegas divulguem as datas e suas atividades.

Violão Intercâmbio

*Boletim dirigido ao público
violonista*

Julho / Agosto 1999

Ano VII - Número 36

Periodicidade Bimestral

Jornalista responsável:

*Teresinha Rodrigues Prada Soares
Mtb 19130*

Articulista:

Gilson Antunes

Editoração / Diagramação:

Ricardo Marui

Colaboradores:

Marcus Kaufmann

Mário da Silva

Sidney Molina

Vladimir Bonfim

*Os artigos aqui veiculados são
de inteira responsabilidade de
seus autores.*

Endereço para correspondência:

Rua Angelo Guerra 18/92

Santos - SP CEP.: 11045-510

Tel.: (013) 237-5660

c/ Teresinha Prada

E-mail

terepradas@hotmail.com

rmarui@originet.com.br

sonant@uol.com.br

Assinatura:

R\$ 15,00 (anual)

*Complete sua coleção do "Violão
Intercâmbio" adquirindo números
anteriores. Escreva para nós
informando quais exemplares
deseja receber. A taxa é de R\$
2,50 por exemplar.*

Índice

Maria Livia São Marcos: uma grande musicista brasileira	4
V Seminário de Violão do Conservatório Mozart	10
Apreciação - o Villa-Lobos de Paulo Pedrassoli	12
Violonista chileno vence concurso "Printemps de la Guitarre"	13
Apreciação - o recital de Nicolas de Souza Barros	14
Os 50 anos de Eduardo Abreu	16
Últimas notícias do I Concurso Violão Intercâmbio	20
VIBRA - Sociedade Violão Brasileiro	21
Música para violão no Paraná	23
Entrevista - Cláudio Arone	26
Agenda	27
Notícias	27

MARIA LIVIA SÃO MARCOS

Uma grande musicista brasileira

por Teresinha Prada



Em sua rápida passagem por São Paulo, onde veio rever a família, Maria Livia concedeu-nos esta entrevista. A mulher forte e de idéias amadurecidas é uma projeção da jovem audaciosa e confiante de seus primeiros depoimentos na revista **Violões e Mestres**. Suas críticas atuais ao nível do violão na Música demonstram preocupação com o início dos estudos, o ambiente cultural e o que ambos podem refletir na qualidade do futuro profissional. Sem fazer concessões, suas respostas foram das mais duras até hoje publicadas nas páginas de **Violão Intercâmbio**, mas não se pode negar a seriedade de suas críticas, afinal são 40 anos de Música, dos quais 30 anos só na Europa. Em seu grande currículo, devemos destacar que ela realizou a primeira audição no Brasil do Concerto de Villa-Lobos (quando contava com menos de 16 anos de idade) e da Suíte Popular Brasileira, além de peças de Brouwer e Ponce. Gravou vários discos nos quais realizou primeiras gravações mundiais. Suas atividades na Europa se dividem entre os concertos e as aulas no Conservatório de Genebra, onde ela já formou grandes concertistas, como Dusan Bogdanovic e Feliu Gasull. Seu pai, Manoel São Marcos, esteve presente à entrevista e contamos com sua colaboração em vários momentos.

(Teresinha Prada) - Maria Livia, quando você começou a estudar violão?

(Maria Livia) - Minhas primeiras aulas eu tive antes dos 4 anos, com meu tio Sávio (Isaías Sávio) e com meu pai, que tomaram conta de mim. E acho que o meu primeiro violão eu ganhei no dia de Natal quando fiz 5 anos e foi aí que eu deixei de acreditar no Papai Noel, porque violão só mesmo o meu pai poderia me dar (risos). O meu professor sempre foi meu pai e como meu tio Sávio era o professor do Conservatório Dramático Musical de São Paulo eu fiz o diploma lá. Depois eu tive aulas com o Segovia, com o Pujol e depois eu tive um grande professor que foi o meu marido (Franco Fisch), que me tirou do violão, ele é violinista, pra me mostrar a Música. Quer dizer que hoje eu não me considero mais uma violonista mas uma musicista.

(TP) - E como é que foi o encontro com o Segovia?

(ML) - Foi em Santiago de Compostela. Segovia havia saído da Espanha quando o Franco foi para o poder, ele era contra o governo, e nunca mais tinha posto os pés na Espanha até esta data quando ele fez o curso de Compostela. Mas, bom... sabe que pra mim falar do passado é muito difícil porque eu sou uma pessoa para qual o passado e o futuro não existem, existe a hora que passa agora, então eu esqueço muito das coisas. Eu me lembro de pessoas que me marcaram, como o Pujol, porque nós fazíamos aniversário no mesmo dia, só que eu fiz 20 anos e ele 80, dia 8 de abril. Claro que eu me lembro muito do Segovia. Ele foi sempre o meu modelo.

(TP) - Mas como é que foi a sua ida para a Europa?

(ML) - A minha ida para a Europa foi porque eu fui ver a minha avó, em Portugal. E levei violão. Lá eu comecei a tocar em Por-

tugal inteiro. Foi assim. Neste tempo tudo era muito mais fácil. Bom e daí eu fui uma segunda vez, uma terceira, e fiquei por lá. **(Manoel São Marcos)** - Ela realizou a primeira audição do Concerto de Villa-Lobos para violão e orquestra e do quinteto de Boccherini, com o quarteto do Municipal. Seu primeiro recital foi aos 13 anos de idade. O Caldeira Filho, crítico de "O Estado de São Paulo", fez uma crítica extraordinária sobre sua musicalidade. Foi a primeira violonista que apareceu, foi um caso inédito no Brasil. Ela tinha muita facilidade, uma memória prodigiosa. Vou contar um caso: quando eu dei o Concerto do Villa-Lobos para ela estudar, é um concerto um pouco moderno, eu disse: 'vá estudar'. Ela pegou e foi. Dez minutos depois ela veio e disse: 'não gostei' (risos). Eu ainda não havia dito de quem era e lhe disse: 'você sabe de quem é isso?' Ela respondeu que não, aí eu disse: então leia. 'Ah, Villa-Lobos!' Voltou para o quarto dela e depois de meia-hora já tinha decorado o primeiro movimento, se apaixonou pelo Concerto. Ela tinha desses arroubos. No primeiro ensaio que ela fez no Rio, com o Bocchino (Alceo Bocchino, maestro da Orquestra de Câmara da Rádio MEC), quando ele viu que era ela, ele disse: 'Mas é a menina que vai tocar?' Ele a chamou e perguntou: 'Como é que você quer?' e ela disse: 'Lalá, lalá, lalá!' (bem allegro) e ele começou 'laalaaá, laalaaá, laalaaá' (muito lento), e ela: 'Não, maestro, um pouco mais', e ele repetiu quase no mesmo andamento. Ela ficou quieta. Quando acabou a introdução da orquestra ela entrou com tudo (risos)! Ele fez assim pra orquestra (sinal de acelerando), foi uma coisa extraordinária. Menininha, ainda nem tinha 16 anos. E quando terminou foi uma beleza de alegria. Aquela alegria inocente, alegria pura, sabe? Todos os músicos fizeram uma volta ao redor dela. Depois marcaram o concerto. O primeiro concerto foi lá (Rio de

Janeiro) e depois aqui (São Paulo). Ela não era conhecida. Era uma menina. Mas ela foi tocar o Concerto do Villa-Lobos porque eu havia escrito para o Museu, eu já conhecia a Mindinha (Villa-Lobos), para pedir o endereço onde eu pudesse encontrar as partituras do Concerto porque eu tinha uma filha que estava estudando. E veio imediatamente uma carta, dizendo que não precisava, tinham tudo lá e queriam que ela fosse tocar. Para nós foi uma vitória, eu não contava com isso, confesso. Villa-Lobos era um autor grande, de uma fecundidade extraordinária. Durante muitos anos, no mundo todo, não havia um só concerto em que não tivesse alguma coisa de Villa-Lobos ou então quase o concerto todo só de música de Villa-Lobos. Depois, é claro, com o tempo, foi esmorecendo e agora hoje os concertos tem Villa-Lobos, mas não é como naquela época. Ela mesma chegou a fazer concertos com os Estudos todos e os Prelúdios. No fundo era demais, não é? Mas o público exultava de alegria de ouvir Villa-Lobos!

(TP) - Eu estava lendo uma entrevista na qual o Manoel (Violões e Mestres n.º 8 - 1967) dizia que era uma raridade uma mulher tocar violão, que era um instrumento para homens, e que ele queria provar o contrário, que isso não tinha nada a ver, que o importante era a preparação, a questão da sonoridade. Por ser mulher, você era cobrada?

(ML) - Não. Tem duas coisas na vida que eu faço como homem: guiar automóvel e tocar violão. Mas o violão é um instrumento de homem. É absolutamente um instrumento de homem. Na minha classe do Conservatório (de Genebra) em 30 anos eu acho que tive 3 alunas. Não mais.

(Manoel) Não havia tradição de mulher na Música...

(ML) - Na Música, sim.

(TP) - Então o ambiente dessa época era

sempre masculino?

(ML) - Era não, é. Em todos os concursos em que eu estive eu sempre fui a única mulher. Uma mulher como concorrente, no máximo. E como membro de júri, também sou sempre a única mulher.

(TP) - E gravações recentes?

(ML) - O último disco que fiz foi a obra toda de Villa-Lobos em CD, fiz um disco que se chama "Saudades do Brasil" também em CD. Estes CD's não saíram aqui, e lá eles foram esgotados e não foram refeitos. Agora eu quero fazer um disco do repertório atual do violão, mas ninguém quer pagar direito autoral dos compositores vivos! Então não faço.

(TP) - O que você estava pensando em gravar?

(ML) - A música do século XX: Takemitsu, Brouwer, tem coisas do Leo que não estão gravadas, que eu as tenho em casa. Tem muito compositor na Europa que está aparecendo agora, não muita coisa boa, mas algumas coisas boas. E, bom... tem sempre a grande barreira: primeiro que isso é um disco só para as pessoas que entendem, e disco custa muito, vende pouco, ainda por cima tem que pagar direitos de autor, então não se faz. Pra fazer o que todo mundo já fez, então eu não faço.

(TP) - Como é que era o ambiente quando você, o Barbosa Lima e o Turíbio Santos surgiram, porque vocês são considerados assim como uma "trinca de ouro" e...

(ML) - Ah, não!

(TP) - Não foi paralelo?

(ML) - Não. Aqui tinha o Barbosa Lima e eu. Eu era a violonista que estava à frente porque quando o Barbosa Lima começou eu já dava muito concerto. Ele era um estudante bem-dotado, aluno do meu tio Sávio, e o Turíbio Santos ninguém conhecia. Daí nós fomos pra Paris, quer dizer ele (Turíbio)

foi, eu não fui porque escolhi uma peça errada. E nós nos encontramos em Compostela. Mas eu fui escolhida pra ser aluna do Segovia, ele não. O Turíbio foi ser ouvinte.

(TP) - E você foi escolhida como participante.

(ML) - Sim senhora. Nós tínhamos todos 20 anos, e depois íamos cantar, fazer bossa-nova, o pessoal da América do Sul fazia música pelas ruas e tudo. O Turíbio era mais distante. Eu era a única mulher. Havia a Barbara Polacek, mas ela era muito mais velha, ela estava grávida, ela estava lá com o marido. E eu sempre gostei muito de fazer festa, de aproveitar a vida e pra mim tocar violão era como falar, andar, era não, é. Então não havia nada de especial em sentar e tocar. Nunca foi especial pra mim. É diferente quando você vive a coisa e quando o outro te vê como alguém que está lá em cima. De jeito nenhum, eu sou uma pessoa como todas as outras, só que eu toco violão, o outro é médico, o outro faz casas...

(TP) - Vamos falar do ambiente musical em Genebra? O Concurso tem todo ano?

(ML) - Não. É a cada 10 anos. E agora eu não sei mais nada disso porque o diretor do Concurso era o meu marido e esse ano ele não é mais. Esse ano não vai haver concurso de nenhum instrumento. Mas a cada 10 anos houve o Concurso, ou melhor, cada 8 anos houve. A última vez foi em 1996, eu acho. Mas o ambiente musical de Genebra é muito importante. Genebra é uma cidade pequena que tem um teatro de ópera permanente. Tem a Orquestra da Suisse Romande que ocupa o 3.º ou o 4.º lugar no mundo. Vêm os maiores concertistas internacionais, todos grandes nomes.

(TP) - O Conservatório é o que pra nós seria o diploma universitário?

(ML) - Sim. Nós temos 4 anos de curso ele-

mentar, 4 anos de secundário e depois a gente vê o aluno que vai poder entrar no Superior, são raros, ou se a gente vai dirigir para um certificado de amador. Quer dizer, são 8 anos antes de a pessoa tentar entrar no curso superior. Depois são 4 anos de Superior pra ter diploma de professor, e depois você tem mais 3 anos pra Aperfeiçoamento-Virtuosidade, que é outra vez uma barreira porque nem todos que chegam até um diploma podem passar para Aperfeiçoamento-Virtuosidade. O Conservatório de Genebra é considerado um dos melhores do mundo. É que vocês aqui no Brasil estão todos virados lá para os Estados Unidos... Todo o brasileiro quer ir para os Estados Unidos, não só na Música, mas em todas as profissões. Escuta, eu não falo nada contra as universidades americanas, tem, claro, ótimas, mas eu não sei o que essa gente vai tanto para os Estados Unidos pensando que a verdade está lá. Quando não está. E mesmo na Música. Bom é claro que eles tem uma Filarmônica de New York, Boston, Los Angeles, Zubin Mehta e, mas o resto... a Música é muito maltratada, hein? Não é porque vai pra lá ou vem de lá que é bom.

(TP) - Além de Villa-Lobos, o que você passa para seus alunos?

(ML) - Eu faço meus alunos tocarem Marlos Nobre, Almeida Prado, Edino Krieger, Radamés. Eu faço isso porque eu acho que é boa música, não porque eu sou brasileira. Porque são bons compositores.

(TP) - A música brasileira para violão está à sombra do trabalho do Villa-Lobos?

(ML) - Então, os brasileiros vivem à sombra de Villa-Lobos, os europeus vivem à sombra de Bartok, Stravinsky etc.. E é assim. Porque gênios foram estes. Os outros compositores que sabem muito bem escrever e são profissionais da composição - tanto o Almeida Prado, como o Marlos Nobre, como Edino Krieger são profissionais -, não

é gente que encontra uma melodia, toca no violão e acha bonito, vivem à sombra dos grandes. Porque eles não são gênios, são bons compositores. A gente tem que dizer as coisas como elas são. Não há nada de inventivo, que alguém encontrou, não é? Eles vivem à sombra de Villa-Lobos, claro. Mas vivem porque o Villa-Lobos era genial, e eles são bons compositores.

(TP) - *E no Cone Sul?*

(ML) - Os argentinos têm Ginastera. Eu não sei se você sabe, que a Sonata, o Ginastera é o pai, mas eu sou a mãe. Você não sabe? Isso são coisas importantes. Não o que eu fiz quando eu tinha 11 anos, que faz muito tempo.

(TP) - *Então vamos falar disso.*

(ML) - A Sonata Opus 47 de Ginastera, eu sou a mãe da Sonata. Porque ele vinha em casa pra saber se isso ou aquilo era possível fazer, porque ele não tocava violão. Ele desenhou um braço de violão, e ele tentava ver se as posições não eram muito um dedo aqui e outro lá embaixo. E ele vinha muito à minha casa, com as folhinhas dele, preparadas, 2, 3 folhas por vez, pra ver se era possível. E eu disse pra ele que 'tudo é possível, você não tem que limitar a tua criação ao instrumento, depois é o intérprete que deve se arrumar'. E a Sonata saiu a maravilha que saiu, não é?

(TP) - *Como é que era o Sávio?*

(ML) - Ah, ele era um amor. Era o meu "tio", embora não tenhamos uma gota do mesmo sangue, foi o professor do meu pai, o melhor amigo do meu pai. Ele dava aula na nossa casa. Eu tinha dois pais, o meu pai e o meu tio Sávio. Eu adorava ele.

(Manoel) Ele estava sempre na minha casa. Era uma criatura muito bondosa.

(TP) - *E um ótimo didata também, não é?*

(Manoel) Era um professor que não exigia nada. Ele fazia como eu faço. Tirava de cada

um aquilo que cada um podia fazer. A gente ouvia os discos de Segovia e outros discos, então naquele tempo a gente já tinha a música no ouvido.

(TP) - *E o Joaquín Rodrigo? Também li que você tocou pra ele o Concerto de Aranjuez.*

(ML) - Eu toquei com ele. Eu fui à sua casa pra tocar o Concerto para ele, e de repente ele foi ao piano e começou a fazer a parte da orquestra. Daí ele disse pra mulher dele: 'você está vendo que todas as escalas são possíveis de serem feitas nesta velocidade? O que os violonistas dizem que não é possível? Veja como ela faz'. Mas, escuta, isso aqui é a hora da saudade? Eu tenho futuro (risos)!

(TP) - *Então fale das suas atividades atuais.*

(ML) - Ah, bom. Eu tenho duas filhas lindíssimas, que eu criei muito bem. Tenho um marido que eu cuido dele, tenho um cachorrinho brasileiro que é a coisa mais linda, que eu cuido também, tenho os meus alunos, tenho uma classe muito, muito boa, e avançada, em Genebra. Dou meus concertos, pinto, agora eu ando apaixonada pela pintura. E pronto. Eu faço muita coisa.

(TP) - *Maria Lúvia, aqui no Brasil a faculdade tem desempenhado um papel importante na formação dos violonistas, embora haja um problema sério, que é o que fazer quando o curso na faculdade acaba. Muitos jovens violonistas não sabem como integrar-se ao mercado. Enquanto estão no curso há um certo resguardo para esse jovem, mas depois...*

(ML) - Vocês ainda tem a oportunidade de cruzar as universidades, ter um intercâmbio e tudo. Nós não temos nada, quer dizer, é o destino. É por isso que o professor que dá falsas ilusões é um criminoso. Eu em 30 anos fiz umas 20 ou 15 virtuosidades. Mas são todos profissionais hoje. Eu nunca formei um aluno que fosse sair com um papel

e mais nada na mão. Porque pra fazer uma carreira você precisa ter tantas coisas, ao mesmo tempo, que a gente não pode embarcar um jovem dizendo: 'Ah, vai ser lindo o futuro', quando não é. Ainda mais agora com crise, com tanta gente que faz.

(TP) - E quais são essas coisas que você está falando que formam um profissional?

(ML) - Bom, primeiro tem que nascer com o espírito santo pousado na cabeça. Se não nascer desse jeito é melhor não começar. É como ser padre, ou ser um médico, daqueles bons mesmo, que acorda no meio da noite pra ir... Você precisa ter muita força de caráter porque não é fácil. A carreira é muito difícil. O violão é um instrumento muito ingrato - aonde passam 10 pianistas, passam 2 violinistas, 2 coros com solista de canto, e um violonista a cada 10 anos. A não ser que fique no ambientezinho de violão, que é o que todo mundo faz em todos os lugares, a panelinha, como eu vejo aí na tua revista. Você tem um festival aqui, você convida o teu amigo que tem um festival ali, que te convida e convida um terceiro que tem um festival ali e fica chovendo no molhado. Se você quiser sair do ambientezinho de violão para ir para o ambiente da música, quer dizer, tocar com as orquestras, como eu toco, e fazer a carreira que poucos fazem ... aí... Você sabe que eu tenho muitos inimigos em Genebra. Primeiro, porque eu sou muito dura, mas eu sou muito dura comigo mesma. E segundo porque ninguém pode suportar que um outro, sobretudo uma mulher, se ele é um homem, lhe diga: 'escuta, vai entrar numa escola de Engenharia, vai ser arquiteto ou advogado, não venha querer fazer violão porque não dá'. Mas eu me considero uma amiga dessa gente, porque não se pode embalar alguém numa coisa que sabe que não dá - a não ser que aconteça um milagre! Milagres acontecem. Mas Instrumento é como balê, como ginástica artística. Tem que fazer muito, tem que fazer

sempre, tem que começar cedo para que todos os automatismos, que nem se pense mais. Eu com 12 anos tinha a minha técnica feita. E tem gente começando com 11, 12 anos a apertar o dedo, a trocar indicador e médio. É por isso que essa gente fala tanto: ou é um que faz tudo sem apoio, ou é um outro... posição da mão direita, torce pra direita, torce pra esquerda, vem pra fora, vem pra dentro. Mas, bolas! Será que ninguém sabe que a gente põe o braço, deixa cair a mão e pronto, está feito. Tocar é como sentar, andar, falar. É assim que digo aos meus alunos. Foi assim que eu comecei. No mundo da Música ou você é de primeira grandeza ou então você se contenta em dar aula e fazer o melhor possível com os alunos e pronto, acabou. Eu não sei, é uma outra maneira de ver as coisas. Por isso te falei que meu grande professor foi meu marido porque ele me tirou do violão e me projetou no mundo da música. É outra coisa completamente diferente.

(TP) - Como é que você vê o futuro do violão?

(ML) - Enquanto os violonistas continuarem pensando assim, o violão nunca vai tomar o lugar dele no meio da Música, da música universal, porque mesmo que a gente não tenha Beethoven, Mozart, Schubert, tem um repertório lindo de violão. Mas infelizmente, ou felizmente, o violão se apoia 99,9% nas costas do intérprete. E eu não vejo com os intérpretes que eu tenho ouvido, como é que o músico pode respeitar o nosso instrumento. Porque se toca muito, mas se toca muito mal. Às vezes é um desespero de se ver.

(TP) - Então, o que você aponta como solução ou o que você aconselha?

(ML) - Aconselho isso: que façam Música, que saiam do ambiente de violão. Que sejam músicos. Música acima de tudo.

V SEMINÁRIO DE VIOLÃO DO CONSERVATÓRIO MOZART

por Gilson Antunes e Ricardo Marui

Ocorreu em São Paulo nos dias 5 e 6 de junho mais uma edição do Seminário de Violão do Conservatório Musical Mozart. Como nas outras edições, o Seminário versou sobre um tema específico desenvolvido pelos integrantes do Quaternaglia e alguns convidados.

Para este ano, o tema escolhido foi Música Brasileira para Violão: Repertório e Interpretação, tarefa difícil para ser desenvolvida em poucas horas por sua grande importância na cultura geral do país e tudo que ela implica.

A primeira palestra (íngata por si só) foi sobre o repertório brasileiro para violão propriamente dito, a cargo de Eduardo Fleury. Convenhamos que o tempo disponível (2 horas) não era suficiente para uma palestra melhor sobre o assunto, mas esse foi um problema à parte. O violonista sabia disso e foi honesto em tomar atitudes inteligentíssimas como não tocar nada da obra de Villa-Lobos, por motivos óbvios (quem sentiu falta certamente relaxou com o recital de Paulo Pedrassoli). Uma listagem de compositores (que incluía violonistas e não-violonistas) foi passada aos participantes do seminário como uma espécie de guia a ser seguido. Os exemplos musicais, apesar da ordem cronológica mais ou menos estabelecida, foram uma problema à parte. A começar que a maior parte do repertório brasileiro de maior importância ainda não está gravado (Suite de Guerra Peixe, Prelúdio de Aylton Escobar, Sonata de Almeida Prado, Valsas de Francisco Mignone, Danças Percussivas de Arthur Kampela, Entoada de Alexandre de Faria, 5 peças de Paulo Porto Alegre, Ditirambo de Giacomini Bartoloni, Ponteio de Osvaldo Lacerda, tudo de Cláudio Santoro, quase tudo de Camargo



Sérgio e Sidney Molina

Guarnieri, etc. - a lista é imensa), e seria de grande importância que os seminaristas tivessem tomado conhecimento dessas músicas (em parte o problema foi sanado com o recital de Edelson Gloeden). A palestra acabou, enfim, mostrando exemplos esparsos da música brasileira para violão. Pelo contexto geral, não poderia ter sido diferente, e certamente foi de muita validade para muitos participantes do seminário.

Em seguida à palestra de Eduardo Fleury, o Quaternaglia ofereceu mais um belíssimo recital com obras de Gnattali, Sérgio Assad e Paulo Bellinati. O primeiro fato a observar foi, claro, a ausência de Breno Chaves, que por problemas médicos não pôde assumir seu posto no quarteto, infelizmente. Quem o substituiu no recital foi Paulo Porto Alegre, que dispensa apresentações. Paulo teve a difícil tarefa de preparar um programa difícilíssimo em apenas 3 semanas e provou novamente por que é um dos maiores violonistas brasileiros desta e de qualquer época. O melhor de tudo foi que a sonoridade do violonista se encaixou perfeitamente com a do Quaternaglia.

A segunda palestra do dia foi, a meu ver, ainda mais íngata que a primeira (na tarefa, obviamente). Dessa vez, Breno Chaves discorreu sobre os intérpretes do violão no Brasil. Breno Chaves, que é, como Eduardo Fleury, uma das pessoas mais sérias e dignas do meio violonístico brasileiro, deu sua listagem de violonistas coerentemente justifi-

cando que muitos nomes importantes não poderiam estar lá, sendo a lista apenas uma base com a qual poderia se desenvolver sua palestra. Os critérios, segundo Breno, seriam alguns violonistas que estavam gravando discos ou que estejam em maior evidência hoje em dia. A palestra acabou sendo apenas uma amostra de alguns violonistas brasileiros importantes e, como na palestra de Eduardo Fleury, não poderia ter sido diferente, com toda a complexidade e armadilhas que um tema desses possui.

Logo em seguida, a exposição mais completa e coerente do dia, sem sombra de dúvidas. Fábio Ramazzina fez uma bem detalhada análise da difícil (em todos os sentidos) Valsa-choro n.º 1 de Camargo Guarnieri. O violonista teve o cuidado de estudar a peça para tocá-la na exposição, não se valendo apenas da gravação de Edelson Gloeden. Após uma breve explanação sobre o compositor e sua época de atuação, Fábio analisou compasso por compasso a peça inteira, tirando várias dúvidas dos participantes e dando ao mesmo tempo dicas valiosas para sua interpretação.

Encerrando o dia, Paulo Pedrassoli ofereceu um recital com obras de Villa-Lobos a partir de seu excelente CD lançado recentemente. Veja matéria à parte de Sidney Molina.

No dia seguinte, as atividades se iniciaram com a palestra de Henrique Pinto "Violão Brasileiro: um ponto de vista pedagógico". A palestra, que tinha como proposta uma abordagem histórica da pedagogia do violão no Brasil, transcorreu num clima de muita descontração, onde Henrique compartilhou com os participantes um pouco de sua vasta experiência nesta área; vale ressaltar que Henrique, formador de várias gerações de violonista, é, sem dúvida, uma das pessoas mais indicadas para esta tarefa.

Após os master-classes, onde Breno, Sidney, Fábio e Eduardo atenderam a alunos dos mais variados níveis, Sérgio Molina expôs a palestra com o tema "Ritmos brasileiros: uma abordagem do violão popular", que se concentrou num estudo detalhado do "batidas" utilizadas

na bossa-nova, samba e baião; a palestra foi claramente dirigida a músicos eruditos, que normalmente encontram dificuldades ao executar seções rítmicas de peças nestes estilos, ou mesmo quando se arriscam a "arranhar" um popular.

O debate mais acalorado do seminário ocorreu durante a palestra "Nacionalismo hoje? A relação entre música erudita e popular", com Sérgio e Sidney Molina. Após uma breve introdução sobre as origens do nacionalismo na música, a discussão logo se centrou na troca de influências entre música erudita e popular, e, mais ainda, na tentativa de se definir o que seria música erudita e música popular. Com certeza, a abordagem de um tema tão controverso, mas exposto de maneira competente pelos dois palestrantes, propiciou aos participantes muito material para reflexão, cada um chegando às suas próprias conclusões.

Encerrando o Seminário, um grande recital de Edelson Gloeden. O programa que Edelson tem trabalhado este ano, com peças de Camargo Guarnieri, Lina Pires de Campos, Francisco Mignone, Guerra Peixe e Cláudio Santoro, se encaixou perfeitamente à temática deste seminário. Além disso, transparece ao ouvinte o grande prazer que Edelson tem em apresentar este repertório, executado de maneira brilhante.

Assim foi o Seminário do Conservatório Mozart, que chega à sua quinta edição com um público cativo das mais diversas localidades e com lugar garantido entre os principais seminários do país.



Breno Chaves

CORAGEM, MAESTRIA E SWING NO VILLA-LOBOS DE PAULO PEDRASSOLI

por Sidney Molina

No ano da comemoração dos 40 anos da morte de Villa-Lobos, Paulo Pedrassoli lança sua versão integral da obra para violão solo do compositor carioca. Não podemos reclamar: desde o histórico registro de Turibio Santos, em 1963, as interpretações brasileiras do violão de Villa-Lobos têm procurado completar, cada uma a seu modo, o círculo da "roda de choro" aberto por Villa-Lobos na Mazurka, ainda em 1908. Missão impossível: a obra violonística escapa de versões definitivas, está sempre se desdobrando em novas possibilidades. Cada vez mais, no entanto, é necessário conhecer a metalinguagem das interpretações, pois elas se referem umas às outras, citam-se entre si, conversam e escrevem juntas novos capítulos onde o sentido ao mesmo tempo se mostra e se esconde. A linha que sai de Turibio passa por Eduardo Abreu (talvez, ainda hoje, a versão mais espetacular do Prelúdio 1), chega à integral dividida irmãmente pelos Assad e encontra eco, agora, na interpretação de Pedrassoli. Isso se não nos deslocarmos para fora do Brasil, rumo às contribuições de Bream, de Barrueco, de Álvaro Pierri (também autor de uma versão integral) ou se não retornarmos à "fonte original" e nos concentrarmos para ouvir as primeiras gravações de Segovia. Ao lado da bem sucedida versão de Pedrassoli, uma outra integral de grande qualidade agita também o ano "redondo" da morte do compositor: trata-se da gravação de Fábio Zanon, baseada em manuscritos do compositor. Não foi essa a opção de Pedrassoli: mesmo tendo consultado os manuscritos, ele optou por basear-se na edição francesa Max-Eschig, "corrigindo-a", no entanto, em vários

pontos (ver, por exemplo, pequenas diferenças no Prelúdio n.º 2 e nos Estudos n.º 2, 4, 5, 8 e 10, muitas vezes relacionadas à ambigüidades na interpretação de harmônicos). A questão dos manuscritos é, segundo Pedrassoli, controversa, principalmente tratando-se de um compositor tão pouco rigoroso com "versões definitivas" de suas obras. De qualquer forma – e deixando de lado a questão dos manuscritos – Pedrassoli e Zanon são intérpretes que buscam sentidos muito diferentes em Villa-Lobos: Zanon é mais "realista", mais rebuscado, mais introspectivo, traz a nós uma interpretação mais hermenêutica de um Villa-Lobos também Barroco; Pedrassoli é mais fenomenológico, mais comunitário, sua interpretação absorve quase por osmose o temperamento de Villa-Lobos e as sonoridades deste século. Pedrassoli, nesse sentido, é mais "brasileiro", com tudo o que isso implica. Obviamente a genial versão de Zanon merece por si mesma uma resenha, o que não é aqui nosso objetivo. Falemos de Pedrassoli. A ênfase no aspecto rítmico destaca-se em sua versão. Um *swing* arrebatador jorra das danças da Suíte Popular, com destaque para o Schottisch, quase em *jazz-feeling*. Tanto nos Estudos quanto nos Prelúdios, Pedrassoli consegue demonstrar artesanalmente a suposição de que Villa-Lobos compôs ciclos muito bem amarrados, tanto em termos tonais quanto formais. O pequeno intervalo entre algumas das faixas do CD aliado à uma coerente interpretação propõe deliciosamente essa continuidade, fato que é singularmente reforçado em seus concertos, onde também executa os Prelúdios e os Estudos na ordem em que foram compostos. Gravado no Castelo Gottesaue, na Alemanha, o CD foi lançado pelo Selo UERJ Clássica. Ao vivo, Pedrassoli enfrenta todos os perigos em nome das idéias nas quais acredita: é corajoso em sua sonoridade – sempre lidando com os limites imagináveis para o violão – é corajoso na forma de abordar o repertório, é corajoso

nos andamentos, é corajoso também nos contrastes, nos movimentos mais lentos, nos rubatos. Pedrassoli tritura as pedras das dificuldades técnicas obrigando-nos, paulatinamente, a absorver a música que executa. No recital que encerrou a primeira noite do V Seminário de Violão do Conservatório Mozart, em São Paulo, no último dia 5 de junho, Paulinho – como é carinhosamente chamado pelos amigos – demonstrou uma excepcional presença de palco, tocando com

VIOLONISTA CHILENO VENCE 6.º CONCURSO “PRINTEMPS DE LA GUITARE”

reportagem: Violão Intercâmbio

O jovem violonista chileno Carlos Pérez foi o vencedor do “6.º Concurso Internacional de Violão Clássico”, patrocinado pela associação belga de apreciadores de violão “Printemps de la Guitare”. Esta sociedade foi fundada em 1985, e o concurso tem o apoio da rainha Fabiola da Bélgica.

Carlos Pérez nasceu em 1976 em Santiago do Chile, onde estudou com Ernesto Quezada, do Conservatório de Música da Universidade do Chile. Quezada é um das mais brilhantes figuras do violão no Chile, e não é de se estranhar que um discípulo seu esteja alcançando sucesso no cenário mundial.

Pérez já venceu o Concurso de Córdoba, na Argentina, e o “Alírio Diaz”, de Caracas, na Venezuela, além do Concurso “René Bartoli” em Aix-en-Provence, na França. No final do ano passado, entre 52 candidatos vindos de 20 países, ele venceu este 6.º “Printemps de la Guitare”. Entre as características do Concurso está a gravação de um CD, ao vivo, durante as provas, que agora nos chega as mãos. O repertório escolhido foi basicamente Barrios, Ponce e Pujol, e sua interpretação realmente ratifica a premiação. Sua atuação demonstra a qualidade do artista latino-americano dentro da Música.

uma alegria que contagiou a todos os presentes. No programa? Villa-Lobos, é claro. E só. Para que mais?

Sidney Molina é professor de Estética Musical da FAAM (Faculdade de Artes Alcântara Machado), diretor do Conservatório Musical Mozart e membro do quarteto de violões Quaternaglia.

E-mail: sidney@quaternaglia.com.br

Os brasileiros deveriam se interessar mais por este concurso, que tem a direção artística de Rafaël Iturri, professor de violão do Conservatório Real de Música de Bruxelas. Os concorrentes costumam ficar hospedados por famílias belgas, oferecendo as melhores condições para as provas. Estas são realizadas no castelo medieval Thy-le-Chateau, onde a acústica favorece o violão. A prova final é realizada no Teatro Real de Namur ou no Teatro Real da Monnaie, no Conservatório de Bruxelas, acompanhada de grandes orquestras como a Nacional da Bélgica, I Fiamminghi, Orquestra Real de Câmara de Wallonie e pela Orquestra da Communauté Française da Bélgica. Grandes nomes já participaram como jurados, tais como Narciso Yepes, Alberto Ponce, Konrad Ragoznig, Alírio Diaz e Roberto Aussel. Este ano, o júri foi composto pela excelente violonista Raphaëlla Smits (Bélgica), René Bartoli (França), Oscar Cáceres (Uruguai), Alvaro Company (Itália), Alexander Frauchi (Rússia), Josep Henríquez (Espanha), além de Rafaël Iturri.

Para saber mais sobre a “Printemps de la Guitare”, informe-se:

Place du Chef-Lieu,9

B-6040 Charleroi-Jumet - Belgium

Tel.: 32 (0) 7135 0448

Fax: 32 (0) 7135 5320

E-mail: printemps.guitare@imageweb.be

<http://www.printemps.guitare.be>

Apreciação

O recital de **NICOLAS DE SOUZA BARROS**

por Tiaraju Aronovich

São Paulo foi brindada com um refinado espetáculo na noite de terça-feira, dia 18 de maio: o excelente músico Nicolas de Souza Barros ofereceu-nos um belo e competente recital na "Sociedade Pró-Música Antiga", em atividade promovida pela "VIBRA". Lamentavelmente, o reduzidíssimo público não contava com mais de vinte pessoas (é triste perceber que um centro cultural e cosmopolita como São Paulo ainda insista na característica de abandonar a cultura).

Nicolas de Souza Barros é considerado um dos maiores especialistas do país em instrumentos de cordas dedilhadas, e apresenta-se como solista não apenas de violão, mas também de alaúde, altguitar, violão de 6 e 8 cordas, vihuela, guitarra barroca etc.. Sua impressionante carreira acadêmica revela estudos na Inglaterra e nomes como Hopkinson Smith, Álvaro Pierri, Turíbio Santos e muitos outros. Atuou ainda nos EUA, Uruguai, França e Alemanha, e como camerista integra o "Quatro Cervantes", Duo Folia, Trio Solar, Trio Santa Úrsula e outros.

Ao longo da apresentação, o bom-humor e a desenvoltura do violonista foram traços marcantes, e um "prato cheio" foi oferecido aos apreciadores de música brasileira do século XX.

A primeira obra interpretada foi "Festas da Igreja da Penha", do compositor carioca Ricardo Tacuchian. A peça, definida pelo próprio Nicolas como um "choro-fantasia" mostrou forte caráter melódico, evo-

cando fraseados dos tradicionais choros mesclados a um tempero contemporâneo. Editada pela UNIRIO em 1996, a música foi escrita em 1966 e dedicada a Edelson Gloeden.

Na sequência, ouvimos as "Brasileiras N.º 13" de Radamés Gnattali e foi fácil notar a familiaridade do violonista com a obra. O primeiro e o terceiro movimento (samba e choro) exploraram, respectivamente, excelentes recursos de mão esquerda e direita, porém, destacou-se o segundo movimento (valsa), devido à expressividade e belos timbres atingidos pelo intérprete.

A terceira música do programa foi a "Sonata para violão" de Guerra Peixe, escrita em 1969. Os que conheciam a obra puderam observar a digitação empregada pelo próprio violonista (diferente da original). O regionalismo nordestino é fortemente acentuado principalmente no terceiro (último) movimento: vivacíssimo. Novamente a expressividade destacou o segundo movimento (Larghetto), e foi interessante notar a utilização da técnica do alaúde na realização de diversas escalas por parte do violonista, que substituiu o tradicional "i - m - i - m" por "p - m - p - m".

A peça seguinte, curta e melódica, foi "Choro para Metrônomo", de autoria de Baden Powell. A "pincelada" de cunho popular no recital mostrou-se de muito bom gosto, e a execução de Nicolas não deixou a desejar.

Chegamos então à reta final da apresentação com a penúltima peça: "Apasionata". Escrita (e muito bem, por sinal) em 1984 por Ronaldo Miranda, a música foi a mais complexa e virtuosística da noite. Entre tantas escalas e demais complicações técnicas, impressionou a limpeza sonora e segurança do violonista. Vale ain-

da relembrar a coerente observação de Nicolas comparando a "Apassionata" ao Estudo N.º 3 de Heitor Villa-Lobos e à "Bagatela N.º 5" de W. Walton, não só no referente à sonoridade, mas também aos recursos técnicos explorados pelos compositores.

A última peça do recital ("Aquarela", de Sérgio Assad) foi, sem dúvida, a mais violonística do repertório. Contando com ricos elementos rítmicos, além de sofisticados arpejos apoiados em pedais contínuos, proporcionou aos espectadores o "fecho de ouro". O fato de precisar ler trechos na partitura não prejudicou em nada a performance de Nicolas, que pelo contrário, atingiu o ponto alto de seu concerto com o segundo movimento da obra (valseana), o que vem

confirmar a grande expressividade do músico, impressionando pelo timbre e fraseado nos movimentos mais lentos.

O ótimo desempenho de Nicolas provocou o público, que exigiu dois bis : O Prelúdio de Bach da Partita 1006a , numa interpretação suave e sutil, repleta de detalhes. Logo após, o segundo bis aconteceu com o Prelúdio 3 de Heitor Villa-Lobos, que soou tranqüilo e, é claro, também muito expressivo.

Enfim, com bom gosto e originalidade, embora para um pequeno público, o violonista carioca realizou uma ótima apresentação.

Rádio USP - 93,7 FM

"VIOLÃO EM TEMPO DE CONCERTO"

Programas semanais quarta-feira às 22:00 Horas

Produzido e apresentado pelo prof. Edelson Glöeden da ECA-USP

Programação de Agosto de 1999

04 - Homenagem a Villa-Lobos: Programa I - Integral para violão solo interpretada por Paulo Pedrassoli.

11 - Homenagem a Villa-Lobos: Programa II - Integral para violão solo interpretada por Paulo Pedrassoli.

18 - Música grega para violão solo na interpretação de Elena Papandreu.

25 - Leo Brouwer 60 anos. Série de 10 programas apresentados todas as últimas quartas-feiras de cada mês. Uma homenagem ao violonista, compositor e regente cubano mostrando a quase totalidade da sua obra violonística. 6.º programa: Concerto n.º 1 para violão e orquestra com John Williams e a London Sinfonietta dirigida por Elgar Howarth e "Retrats Catalans" com Eduardo Fernández e a Orquestra de Câmara Inglesa dirigida por Barry Wordsworth.

Programação de Setembro de 1999

01 - Homenagem a Villa-Lobos: Programa III - Gravações históricas com Heitor Villa-Lobos, Andrés Segovia, Turíbio Santos e Eduardo Abreu.

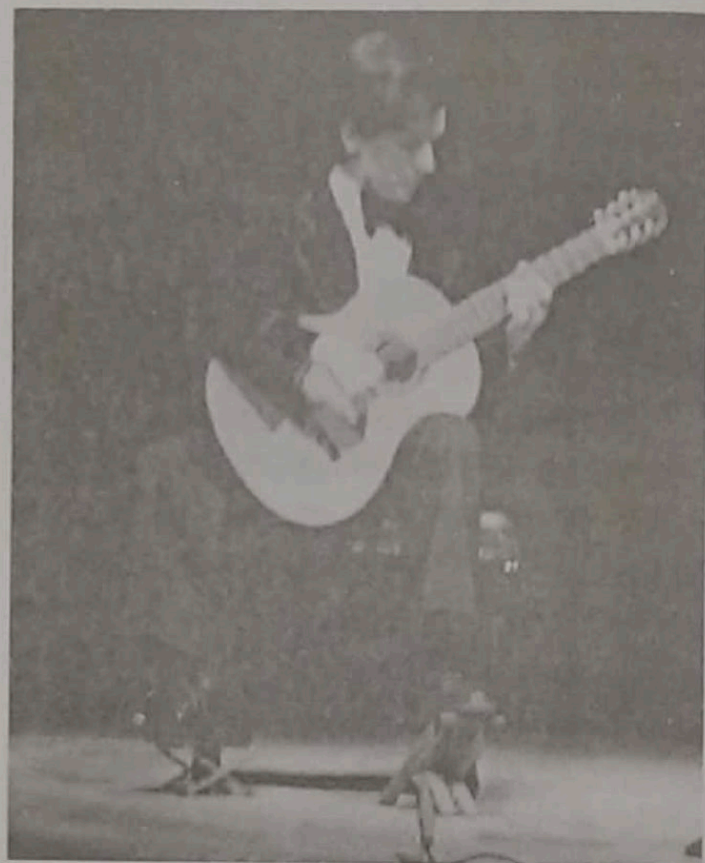
08 - Homenagem a Villa-Lobos: Programa IV - Obras de câmara e canções. Interpretações de Marcus Llerena com Brasil Consort, José Ananias e Edelson Glöeden, Maria Lúcia Godoy e Sérgio Abreu e Bidu Sayão com a Symphony of the Air regida por Villa-Lobos.

15 - Entrevista com a equipe do jornal **Violão Intercâmbio**.

22 - Música barroca francesa: obras para tiorba de Robert de Visée com Hopkinson Smith.

29 - Leo Brouwer 60 anos. Série de 10 programas apresentados todas as últimas quartas-feiras de cada mês. Uma homenagem ao violonista, compositor e regente cubano mostrando a quase totalidade da sua obra violonística. 7.º programa: "Toccata", "Concierto Elegiaco" e a Sonata. Interpretações do Ensemble Guitare Quebec'94, Quaternaglia e Julian Bream com a Orquestra RCA Victor dirigida pelo compositor.

Raríssima foto de Eduardo Abreu se apresentando como solista, tirada em 1973 por Edelson Gloeden



OS 50 ANOS DE EDUARDO ABREU

por Gilson Antunes

Há inúmeros casos na história da música que ficam marcados, quase em nível de especulação, pelo que aconteceu e o que teria acontecido caso uma tragédia ou algo parecido não tivesse interrompido um futuro promissor.

Neste ano de 1999 comemoram-se os 50 anos daquele que é, talvez, a maior lenda viva do violão brasileiro, Eduardo Abreu, ex-menino prodígio que ainda gera especulações.

Quem começou a se interessar por violão após 1975 e nunca tinha assistido a uma apresentação até aquela data não tem idéia exata do que perdeu. Naquele ano houve a dissolução do então maior duo de violões do mundo, o Duo Abreu, formado pelos irmãos Sérgio e Eduardo. Sérgio, hoje é um conhecido luthier, admirado por toda a nação musical pela qualidade e seriedade de seu trabalho. Eduardo nunca mais se apresentou ao vivo, mudou-se para os Estados Unidos para estudar engenharia e continua morando na Califórnia. Segundo entrevista concedida por Sérgio Abreu ao Violão Intercâmbio em 1996, Eduardo “continua tocando da mesma forma, sem a menor diferença”.

Eduardo Rebello Abreu nasceu no Rio de Janeiro em 19 de setembro de 1949, tendo se iniciado ao violão desde muito cedo, com seu avô Antonio Rebello e seu pai Osmar Abreu, ambos violonistas. Antônio, como é sabido, foi um dos principais violonistas do Rio de Janeiro, tanto na carreira concertística quanto na didática, tendo sido um dos mais destacados alunos de Isaías Sávio. Como se vê, desde o início os irmãos Abreu tiveram uma educação musical correta e sem vícios, tão difíceis de serem tirados no futuro.

O próximo passo foi estudar com a violonista argentina Adolfinia Raitzin de Távora, ou Monina Távora, como é mais conhecida, que na época esta-

va morando no Rio de Janeiro. Monina foi uma das mais aplicadas alunas de Segóvia e possui opiniões contundentes sobre todos os aspectos musicais, da técnica à interpretação e repertório. A professora foi a pessoa perfeita para trabalhar com o gênio então desfocado dos irmãos e a consequência veio em pouco tempo, transformando-os no maior duo de violões do mundo.

Para se ter uma idéia melhor de sua influência sobre os alunos basta ouvir uma gravação particular em que ela interpreta a Sonata de Turina, “Madroños” de Torroba e outras pequenas peças. A semelhança com o tipo de sonoridade e interpretação de Eduardo Abreu é marcante.

Eduardo logo foi o vencedor de um concurso infanto-juvenil para jovens instrumentistas no Rio de Janeiro. A idéia de formar um duo com seu irmão Sérgio acabou sendo inevitável. Não tratarei aqui da história do duo Abreu por questões práticas, deixando o assunto para uma próxima ocasião.

Seu primeiro recital solo ocorreu no dia 22 de maio de 1967, quando já era bastante respeitado no meio musical por pessoas como Yehudi Menuhin e Robert Spencer. O crítico do jornal “O Globo” assim se referiu a Eduardo, segundo nota do programa deste recital: “Eduardo Abreu executou o Estudo n.º 1 de Villa-Lobos tão surpreendentemente que mal

se poderia crer no que se ouvia, executado em pianíssimo-prestíssimo; não se perdia uma só nota. Na verdade, levava impressa a marca de um mestre”.

Nesse mesmo ano de 1967 o irmão de Eduardo, Sérgio Abreu, se tornaria o segundo brasileiro (o primeiro foi Turíbio Santos) a ganhar o maior concurso de violão do mundo, o da Rádio e Televisão Francesa (ORTF). Sérgio estava com 18 anos e era então o mais jovem vencedor até a data (lembrando que em 1977 um jovem de apenas 15 anos de nome Kazuhito Yamashita seria o mais jovem vencedor dentre todos na história daquele concurso).

No ano seguinte foi a vez de Eduardo, que ficou em 2.º lugar, empatado com a francesa Geneviev Chanut. O vencedor da proeza foi o mexicano Alfonso Moreno, numa decisão que nem os próprios mexicanos entenderam até hoje.

Várias observações podem ser apresentadas para a segunda colocação de Eduardo. Uma delas seria que ele não queria de jeito nenhum participar de uma competição para concorrer com quem quer que seja, tendo sido praticamente empurrado pelo pai. Eduardo te-

ria, então, participado apenas por participar, sem se preocupar com o resultado, diferente de todos os outros candidatos que tocaram com toda a garra extra. Outra suposição culpa indiretamente seu irmão Sérgio, que havia vencido no ano anterior e ido embora logo em seguida, não cumprindo as exigências contratuais necessárias. Eduardo então iria ser realmente o vencedor, mas os organizadores ficaram com medo de ele também não cumprir o contrato, então lhe deram o segundo lugar para evitar um novo problema.

Tudo isso são suposições, nem sempre saudáveis de serem divulgadas e perigosas de serem impressas, mas realmente é o que se comenta. Seria injusto qualquer comentário maldoso com relação ao vencedor do concurso. O autor destas linhas teve a oportunidade de assistir uma apresentação do violonista mexicano Alfon-



Eduardo Abreu • Sérgio Abreu

so Moreno em Londres em 1996, tendo sido o recital de um nível muito bom, com muita musicalidade e, principalmente, muita garra, além de um repertório interessante (incluindo a 2.^a Sonata de Eduardo Lopez Chavarri).

Porém a carreira do Duo Abreu continuou triunfante e Eduardo tocando melhor que nunca. Não há notícias de outros recitais solo dele ou de Sérgio até 1975, ano da dissolução do duo. Essa questão sempre foi tratada com cuidado. Para maiores explicações, ler Violão Intercâmbio n.º 20 de 1996, no qual Sérgio dá suas explicações sobre o assunto.

À primeira vista, o que mais chama a atenção em Eduardo é a clareza de som, musicalidade refinadíssima e, claro, uma das maiores técnicas já vistas por um músico neste século. Em seu pequeno repertório incluiu-se, entre outras peças, a Suite de Castelnuovo-Tedesco, a Sonatina de Lennox Berkeley, a Suite BWV 996 de Bach, a 2.^a Sonata de Anton Diabelli e a Sonatina Meridional de Manoel Ponce, além do Concerto em Lá Maior de Mauro Giuliani, sendo todas as músicas tocadas de forma quase milagrosa. Ouçam e julguem por si sós.

Muitas estórias (ou histórias) já foram ditas a respeito dos estranhos ou curiosos costumes dos dois irmãos, principalmente de Eduardo. Especulação por especulação, seria melhor que as pessoas esquecessem de vez

esses fatos irrelevantes e pudessem ouvir as maravilhosas gravações de Eduardo Abreu, o que infelizmente é privilégio de poucos. Os 3 discos que o Duo lançou encontram-se fora de catálogo há décadas e mesmo assim não dão a medida exata do que eles foram, mesmo sendo gravações fantásticas, entre as maiores do século, sem a menor dúvida. Gravações piratas de recitais do duo, na qual eles sempre tocavam 15 minutos solo cada um demonstram o nível de perfeição que eles almejavam atingir, isso numa época em que apenas John Williams poderia lhes fazer par (mesmo assim apenas em nível técnico, a julgar por suas gravações). Everton Gloeden e Tadeu do Amaral até que tentaram lançar pela EGTA algumas destas gravações mas mais uma vez o projeto parece que não deu certo. Enquanto isso continuamos esperando pacientemente. E sempre com esperança.

Desejamos os parabéns a Eduardo Abreu pelos 50 anos de vida, agradecendo por tudo o que fez em prol do violão brasileiro e mundial. E que seja bem feliz em sua vida.

I CONCURSO VIOLÃO INTERCÂMBIO

Com a proximidade do concurso, a comissão organizadora tem se esforçado ao máximo no sentido de oferecer o melhor em termos de premiação, organização e facilidades aos participantes. Leia abaixo as últimas novidades do I Concurso Violão Intercâmbio.

PREMIAÇÃO

Além do violão cedido pelo luthier Roberto Gomes, no valor de U\$ 2.500 ao 1º colocado, contamos agora com o apoio de mais três entidades, que resolveram prestigiar o nosso concurso.

O **Centro Cultural Fiesp** vem organizando uma série de concertos ("**Série Jovens Concertistas**"), sempre aos domingos às 12hs; o evento é um sucesso de público, tendo se tornado programa obrigatório para as várias pessoas que comparecem assiduamente ao espaço, na Avenida Paulista 1313. Ao vencedor do concurso será oferecido um recital no dia 5/9, com cache de R\$ 300; o segundo e terceiro colocado se apresentarão no dia 12/9, recebendo o cache de R\$ 300 e R\$ 200, respectivamente.

José Luis Costa, mais conhecido como **Gato**, é um dos mais conceituados engenheiros de som do país, tendo já gravado com os principais nomes do meio erudito; em particular, **Gato** possui uma grande experiência no trabalho com violonistas, tendo realizados as gravações dos CD's do Quaternaglia, e, pelo selo Paulus, do duo Edelson Glöeden-José Ananias, do TRIO-Paulo Porto Alegre, M. Jaffé e R. Wolf, e do duo Anderson Rocha-Ricardo Marui, além de ter efetuado as gravações de todas as edições do Prêmio Eldorado. O estúdio **CIA. do Gato** concederá, a cada um dos três primeiros colocados, a

gravação de um CD demo.

A **Irmãos Vitale** é uma das mais tradicionais editoras de música do país. A sua importância no meio musical pode ser verificada na lista de peças de confronto do concurso, sendo a responsável pela edição da maioria das peças. A editora **Irmãos Vitale** também estará prestigiando nosso concurso, premiando com partituras nacionais e importadas os três primeiros colocados do Concurso.

PROGRAMA DO CONCURSO

O "Estudo nº 1", de Esther Scliar, se encontra esgotado em muitas lojas. Pedimos aos candidatos que estejam com dificuldades para encontrar esta peça que entrem em contato com a organização do concurso (tels.: 013-237-5660 e 011-229-2146).

As peças de confronto podem ser encontradas na Casa Irmãos Vitale (tels.: 011-3104-2024, 3107-5564, fax: 3104-8040). Caso haja dificuldades para se encontrar algumas das peças, solicitamos entrar em contato com a organização do concurso.

Devido a dificuldade em se encontrar a "Suite", de Guerra-Peixe, será aceita como peça de confronto para a final a "Sonata", do mesmo autor.

ATENÇÃO: MUDANÇA DE LOCAL

Devido à problemas de cronograma por parte da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato, o local de realização do concurso foi **alterado** para o **Auditório da Sociedade Pró-Música Antiga** (Rua Bandeira Paulista 992 - Itaim)

As duas primeiras fases do concurso serão realizadas no dia 13 de Agosto, em horário a ser informado com antecedência aos participantes. A final será realizada no dia 14 de Agosto às 18 hs, com entrada franca ao público..

VIBRA

SOCIEDADE VIOLÃO BRASILEIRO

Reportagem: Violão Intercâmbio

Atenção todos os músicos. Um novo espaço vem agitando o meio musical, principalmente o violonístico, e promete ser uma idéia de peso para a troca de idéias e informações entre músicos de todo o Brasil. Trata-se da VIBRA, que iniciou suas atividades no primeiro semestre deste ano em São Paulo.

A Vibra, Sociedade Violão Brasileiro, foi fundada por Flávia Prando, Otávio Machado, Rui Weber, Rosana Basalto e Breno Chaves. A idéia surgiu numa conversa informal, quando os fundadores discutiam idéias semelhantes para a formação de uma sociedade de violonistas, mas que pudessem englobar também outros instrumentistas, sendo o violão apenas o propósito inicial para a consolidação de seus intuitos.

O Violão Intercâmbio conversou com dois integrantes da Sociedade, que explicaram que as primeiras dificuldades foram, obviamente, financeiras e que tudo não teria se realizado sem a ajuda dos amigos, que acataram e deram apoio à idéia no mesmo momento em que souberam dela.

Para que não ficasse restrito apenas a São Paulo, os fundadores acertadamente convidaram violonistas de outros Estados como Maria de Jesus Haro e Nicolás de Sousa Barros, ambos do Rio de Janeiro, que aceitaram participar nos recitais quase sem recursos, apenas para dar um impulso para a consolidação da VIBRA.

Os fundadores fazem questão de frisar que a VIBRA não ficará restrita apenas ao violão, tanto que já no segundo recital eles organizaram propositadamente um recital de música de câmara, com o duo Henrique Pinto - Gretchen Miller (violoncelo e violão). Já no segundo semestre eles farão uma outra série chamada "Violão Convida...", na qual o violão participará como camerista.

A avaliação, segundo Flávia Prando, está muito boa. Já no primeiro recital a assistência estava grande, e mesmo os organizadores duvidavam um pouco disso, já que os recitais seriam de duas em duas semanas e muitos pensavam ser quase impossível manter o público, que felizmente respondeu muito bem aos eventos. E mesmo a idéia de manter um ponto de encontro foi realizada naturalmente entre o público, o que alegrou bastante os fundadores da VIBRA.

A idéia do VIBRA (é bom frisar novamente) não é só a de promover concertos, e sim que seja a de troca de partituras, informações e como uma forma de encontro entre músicos e público em geral. Muitas idéias surgiram desses encontros, que os fundadores pensam ser fundamentais e um dos propósitos fundamentais da VIBRA. Num futuro próximo eles querem organizar uma biblioteca, uma fonoteca, e tudo mais relacionado ao violão e música em geral. No momento, para se ter uma idéia das dificuldades, eles estão se arrumando até sem alguém para atender ao telefone. Então, a idéia é conseguir uma infra-estrutura, para que se consigam associados e tudo mais, oferecendo serviços até pela internet (como, por exemplo, informações

sobre como conseguir partituras, discos, informações sobre a história do instrumento, etc.)

Os integrantes do VIBRA não tiveram tempo de procurar patrocinadores. Mas para eles, o mais importante é que ela exista por si própria, para que as pessoas vejam a seriedade de seus propósitos. Depois, sim, e por motivos reais, seria necessário um patrocínio para oferecer um serviço melhor, em todos os sentidos, o que é impossível sem uma verba mínima.

Todos os concertos estão sendo gravados em CD para se ter um registro para a posteridade, como forma de um arquivo extra-gravadoras. Os violonistas que tocam ficam a vontade para tocar o repertório que quiserem, sem restringir repertório.

A VIBRA faz questão de agradecer a Sociedade Pró-Música Antiga (onde foram realizados os recitais do primeiro semestre), que também deram um apoio fundamental para que se concretizasse a idéia da sociedade. No segundo semestre os recitais serão na Vila Madalena, na Escola Canto do Brasil, com recitais de música popular. Na Sociedade Pró-Música Antiga, a única exigência de Abel Rocha (dono do espaço) era a de só se fazer música erudita, por isso agora a troca de local para as apresentações de música popular. A Escola Canto do Brasil é dirigida por Regina Machado.

Neste ano, então, eles ficarão restritos aos recitais, para se manter um espaço para o violão. Depois disso, vão abrir para outros instrumentos. Eles fazem questão de dizer que muitos outros músicos poderiam ter tocado, mas por problemas descritos (principalmente o financeiro), foi im-

possível abrir para mais pessoas.

A programação já está fechada até o final do ano, sendo dois concertos por mês (um de música popular e outro de música erudita). No primeiro semestre os violonistas que tocaram foram: Maria Haro, Henrique Pinto e Gretchen Miller (cello e violão), Éverton Gloeden, Flávia Prando e Ruy Weber (duo de violões), Nícolas de Souza Barros, Edelton Gloeden, Paulo Porto Alegre e Gisela Nogueira. Para o segundo semestre a programação é a seguinte:

05/08: Luís Carlos Mantovani

02/09: Marcus Llerena

07/10: Gilson Antunes

04/11: Frederico Grassano

02/12: Giacomo Bartoloni

Endereço: Escola Canto do Brasil: rua Madalena, 32, Vila Madalena.

Página Internet:

<http://sites.uol.com.br/musicali/>

“No exemplar de n.º 35 do VI na matéria sobre o I Festival de Violão de Osasco, no final do segundo parágrafo, o professor Marcelo Fernandes afirma que o concertista espanhol Pedro Jesús Gomez, que tocou vihuela em seu concerto durante o FIVO, foi o primeiro a tocar este instrumento no estado de São Paulo. Em 1988 durante o programa de TV “Primeiro Movimento” da RTC de São Paulo, apresentado pelo maestro Jamil Maluf, a concertista Gisela Nogueira tocou Alonso de Mudarra em uma vihuela por mim construída. Não sei se foi a primeira vez no estado, mas foi bem anterior ao espanhol Pedro Jesús Gomez”.

Roberto Gomes, Florianópolis, SC.

A MÚSICA PARA VIOLÃO NO PARANÁ

por Mario da Silva

Depois do violão adquirir sua forma definitiva no século XIX, instrumentistas, como o espanhol Andrés Segóvia (1893-1987), realizaram uma série de recitais incluindo obras transcritas e de compositores contemporâneos que produziram um repertório bastante significativo, resultado da aproximação intérprete-instrumentista. Segóvia foi responsável por uma grande produção de obras supervisionadas. Ele difundiu não só o violão como instrumento erudito, como também divulgou obras dos compositores: Heitor Villa-Lobos (1887-1959): os Estudos, Prelúdios e o Concerto para violão e Orquestra; Federico Moreno Torroba (1891-1982, Espanha): "Sonatina", "Madroños", Concerto; Manuel de Falla (1876-1946, Espanha): "Homenagem a Debussy"; Joaquim Turina (1882-1949, Espanha): "Sevillanas" e "Homenagem a Tárrega"; e Manuel Ponce (1882-1948, México): "Sonatina Meridional", "Valse" e "Concierto del Sur". Praticamente todos os compositores citados estavam comprometidos com as correntes nacionalistas correspondentes aos seus países de origem.

Por outro lado, as diversas tendências artísticas do começo do século XX, tais como, o Neoclassicismo (Igor Stravinsky); o Impressionismo (Claude Debussy) e o Serialismo e Dodecafonismo (Arnold Schoenberg) necessitaram de sonoridades mais variadas em acordo com suas necessidades estéticas. Eis o surgimento de obras importantes no repertório violonístico tais como: "Serenata" op.24, Arnold Schoenberg (1874-1951); 5 peças orquestrais, 2 Canções op. 18 e op. 19, Anton Webern (1883-1945); "Wozzeck", Alban Berg (1885-1935); "O

Martelo sem Mestre", "Pli Selon Pli", Pierre Boulez (1925-); "Quatro Canções Russas", "Tango", Igor Stravinsky (1882-1971); "Aulodia", Bruno Maderna (1920-1973); "Kammermusik -1958", "El Cimarrón", Hans Werner Henze (1926-); "Gruppen", Karl Stockhausen (1928-); "Allelujah", "Chemins II B", Luciano Berio (1925-).

O violão na música de câmara proporciona uma melhor exploração sonora em que o compositor livremente pode experimentar mais as variações tímbricas e polifônicas do instrumento. Como exemplo, na obra "Quatro Canções Russas" de Igor Stravinsky (para Mezzo-soprano, Flauta, Harpa e Violão), nota-se um belíssimo resultado tímbrico advindo da execução simultânea de harpa e violão.

Os estados do sul do Brasil têm uma forte influência da escola violonística uruguaia e argentina em virtude da proximidade geográfica. As décadas de 70 e 80 foram marcadas por 14 edições do Seminário de Violão de Porto Alegre, onde grandes nomes do violão mundial estiveram presentes: Jorge Martínez Zárate e Roberto Aussel (argentinos); Abel Carlevaro e Eduardo Fernández (uruguaia). Frequentavam esses seminários violonistas brasileiros conhecidos hoje, tais como: Henrique Pinto, Edelson e Everton Gloeden, Paulo Porto Alegre, Orlando Fraga, Norton Dudeque e Jaime Mirttenbaum Zenamon.

Após a mudança para Curitiba do boliviano, naturalizado brasileiro, Jaime Mirttenbaum Zenamon, a atividade violonística no Paraná começa a despertar interesse, culminando com a criação de um bacharelado em instrumento na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Jaime estudou composição e violão clássico em Israel, Espanha, Portugal e Uruguai. Foi aluno de Abel Carlevaro e Guido Santórsola. Realizou concertos nos maiores centros cul-

turais de todos os continentes. Como compositor e concertista, gravou discos e CDs. Radicou-se em Berlim a convite da Escola Superior de Artes (Hochschule der Künste), onde ocupou o cargo de professor entre 1980 e 1992. Embora a composição de Jaime caracterize-se por uma tendência neoclássica com elementos da música programática, observa-se uma preocupação com a linguagem estético-violonística vinda da influência de Heitor Villa-Lobos e Leo Brouwer. Seu catálogo consiste de mais de 130 obras, destacando-se: "Homenagem a Ravel" e "The Black Widow" para violão solo; "Suite Andina" para duo de violões; o quarteto "Contrastes"; "Concerto Iguaçu" para violão e Orquestra.

Além desta quantidade de obras, a grande maioria editada pela Margaux (Neue Verlag Musik) em Berlim, Jaime Mirtenbaum Zenamon exerceu uma atividade pedagógica muito importante. Fundou o curso de violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, ministrou aulas em festivais, criou obras para iniciantes editadas e utilizadas principalmente em escolas de música da Europa. Fruto deste trabalho como professor surgiram instrumentistas, compositores e pesquisadores, tais como: Orlando Fraga; Chico Mello e Guilherme Campos; Rogério Budasz e Norton Dudeque.

Chico Mello teve sua formação acadêmica realizada na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (bacharelado em violão-1984) e na Escola Superior de Artes de Berlim (graduação em composição) onde estudou com os professores W. Szalonek e Dieter Schnebel. Suas obras para violão incluem "Do Lado do Dedo" (1989), gravada por Orlando Fraga, até obras como "Reflexões" (1977) para flauta e violão; "Improviso xaxado" (1979) para saxofone, violoncelo, violão e percussão; "Baiano"

(1983) para saxofone, violão e bongô; "Dança" (1984) para quatro violões, Editora UFPR, gravação Mário da Silva CD Nova Música Brasileira (1997); Peça para oboé e violão (1987).

Rogério Budasz, compositor e musicólogo, é bacharel em violão pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e mestre em Musicologia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Vem participando de encontros e publicando trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras, destacando-se: "Aproximações entre a lírica de Anchieta e o cancionero ibérico" in *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUC-RS, setembro de 1994; "A presença do cancionero ibérico na lírica de José de Anchieta" in I Encontro de Musicologia Histórica Brasileira de Juiz de Fora, julho de 1994, Universidade Federal de Juiz de Fora/Centro Cultural Pró-música. Sobre a música no Paraná escreveu artigo no "Caderno G" da Gazeta do Povo, Curitiba, 02/10/95, p. 2. Além de "La opera italiana nel Brasile - una bibliografia", um trabalho realizado com Maurício Soares Dottori para o Instituto per lo Studio della Musica Latino Americana durante il periodo coloniale - Scuola di Paleografia e Filologia Musicale di Cremona/Università degli Studi di Pavia, coordenado por Anibale Enrique Cetrangolo (no prelo). E mais: "A presença do cancionero ibérico na lírica de José de Anchieta - Um enfoque musicológico" in *Latin American Music Review*, Austin: University of Texas Press, 17: 1, spring/summer 1996 (no prelo). "Uma tablatura para saltério do século XIX" in *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba (no prelo). Dentre suas principais composições destacam-se "Ritos", para quatro violões, "Cantares", para voz média e quarteto de madeiras, "Prelúdio", para trio de flautas doces, vio-

lão, violino e violoncelo, "Variações sobre Bebê", para quatro violões e "Variações sobre Fé Cega, Faca Amolada", para grupo de percussão.

Norton Dudeque iniciou-se ao violão com Jaime Mirttenbaum Zenamon. A partir de 1979 em Montevideu (Uruguai) passou a estudar com Eduardo Fernández, Abel Carlevaro e Guido Santórsola. Em 1994 publicou pela Editora da UFPR o livro *História do Violão* e em 1995 organizou o volume *Música Contemporânea Paranaense*, com composições de Chico Mello e Rodolfo Richter, para a mesma editora. Suas principais obras para violão são: "Peça para Violão Solo I" (1995); Quarteto de Violões; "Pintando o 7"; "Continuum", "Peça para Violão Solo II" (1997).

Guilherme Campos iniciou seus estudos musicais com Orlando Fraga no curso de Bacharelado em Violão na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Em cursos e seminários de violão, esteve sob a orientação de Jaime Mirttenbaum Zenamon, Giacomo Bartoloni, Ângela Muner, Henrique Pinto, Tadeu do Amaral e Léo Soares. Estudou composição com João José Felix Pereira, Aylton Escobar e José Penalva, suas principais obras são: "Cidade 1987", para quatro violões, gravada pelo Quarteto de Violões de Curitiba-LP-1991; "Desenvolvimento n.º 5" (violão solo) Edição Data Music gravação, Mário da Silva, CD Nova Música Brasileira (1997).

Tendo em vista a dificuldade encontrada por compositores contemporâneos brasileiros em divulgarem suas obras, os veículos que estão possibilitando tais atividades são as Leis de Incentivo à Cultura. O projeto de Mário da Silva, através da Lei da Prefeitura Municipal de Curitiba, encomendou obras inéditas para violão dos compositores paranaenses Chico Mello, Octávio Camargo, Guilherme Campos, Norton

Dudeque e Arrigo Barnabé e ainda José Eduardo Gramani, que mesmo não sendo paranaense, estava com suas atividades artísticas muito focalizadas no Paraná. As obras destes compositores que estão no momento sendo gravadas chamam-se, respectivamente: "Quarteto de Violões", "Águas de Março" e "Rosa", "Suíte para violão", "Continuum", "Fragmentos", "Suíte Araucária". Através da Lei Federal foi aprovado o projeto de Música de Câmara para Violão que, além de realizar a gravação do "Sexteto Místico" de Heitor Villa-Lobos, fará uma seleção de obras de câmara com violão de compositores brasileiros.

DISCOGRAFIA DO VIOLÃO NO PARANÁ

MELLO, Chico. Chico Mello e Helinho Brandão. Disco de 1984;

FRAGA, Orlando. Música Latino Americana para Violão. Disco de 1987;

SILVA, Mário da. Nova Música Brasileira. Compact Disc. 1997;

MELLO, Chico. Chico Mello e Silvia Ocougne. Compact Disc. 1997.

Currículos mais detalhados dos compositores, pesquisadores e instrumentistas citados podem ser encontrados na página da Internet:

<http://www.cce.ufpr.br/~ofraga/disc.html>

<http://www.cce.ufpr.br/~ofraga/violao.html>

Mário da Silva é professor de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Aqueles que tiverem interesse em obter partituras das obras aqui mencionadas podem entrar em contato com o violonista:

R. Dep. Olivio Belich, 111 - 80520-500-Curitiba-PR-Brasil

Telefax (041) 338.6879

<http://www.cce.ufpr.br/~ofraga/disc.html>

e-mail: mariodasilva@netpar.com.br

CLAUDIO ARONE

e a arte da lutheria

Reportagem: Violão Intercâmbio

Ele já foi ourives, mas a arte musical acabou batendo mais forte. Juntando a destreza dos mínimos detalhes (literalmente falando) com um apuradíssimo gosto musical, Cláudio Arone vem se destacando como um dos maiores construtores de violão do Brasil. Faltando menos de dois meses para o Concurso Musicalis, que terá como prêmio do IV Turno (sem limite de idade) um violão de Arone, esse paulistano da Moóca, 43 anos de idade e morando atualmente em Jundiaí, interior de São Paulo, cedeu uma rápida entrevista ao Violão Intercâmbio.

- Qual sua formação musical ?

Eu estudei violão com Antonio Carlos Sarno, particularmente, já que ele morava no mesmo bairro que eu, na Moóca. O Sarno chegou a fazer duo com o Henrique Pinto nos anos 70. Eu estudei também na Escola Municipal de Música de São Paulo por volta de 1982 ou 1983, mas tive que escolher a flauta, já que na época não havia professor de violão, apenas de instrumentos de orquestra.

- Como surgiu a idéia da lutheria ?

Surgiu meio que por necessidade mesmo. Na época já existia o Suguiyama e o Dornelas, mas os violões de opção ainda eram o C4 da Gianinni e o modelo Segóvia. Aí então eu conheci um executivo francês, filho de violonista, e que estava trabalhando no Brasil. Ele tinha vários violões fantásticos como Fleta, Friedrich, Hauser e eu fiquei tentado a fazer um por minha conta. Outra coisa que me incentivou foi a própria profissão em si. Eu comecei a consertar violões sozinho, já que no início dos anos 80 não havia quem ensinasse isso, e então acabei conhecendo um fabricante de cavaquinho e bandolim que acabou me ajudando. Mas em geral eu fui desenvolvendo por minha própria experiência. Acho que não tem mesmo como

ensinar, é só você fazendo pra aprender.

- Você se baseou no trabalho de algum luthier em especial ?

No começo eu não tinha planta nem nada, tinha que fazer uma coisa minha mesmo. Eu acho impossível copiar um instrumento. Acho que você tem que seguir um caminho seu, seguindo os passos dos grandes mestres como Rubio, Hauser e Romanillos. O Torres acho que não tem igual, é o pai de todos. A história da lutheria se divide entre antes de Torres e depois de Torres. A estrutura interna de meus violões, a base, é de Torres.

- Quantos violões você faz por ano ?

Eu faço em média um violão por mês. É que no início eu tinha uma profissão paralela, eu era ourives e só em 1993 ou 1994 eu resolvi seguir a carreira de luthier. Mas ainda sonho em fazer uma tarracha de prata.

- Sério ?

Sério (risos). O mecanismo tem que ser de aço e bronze, mas o resto é de prata. Só que é uma coisa decorativa.

- Qual tipo de sonoridade você busca com seus violões ?

Eu não gosto de um som metálico, muito aberto demais. Gosto de um som doce e brilhante. Não gosto de cedro, prefiro abeto europeu no tampo.

- Esta é a Segunda vez que você fará um violão para o Concurso Musicalis. Como será esse violão ?

Será o básico que eu faço, como no concurso anterior. Será o tradicional com jacarandá indiano no fundo e lateral, abeto europeu no tampo, braço de cedro e escala de ébano.

- Como está o mercado da lutheria no Brasil ?

Não está bom porque nada está bom aqui no Brasil. Deveria estar melhor, mas é um problema deste Governo que nós temos atualmente. Muitos me ligam para comprar instrumento, mas não têm dinheiro agora. Com vocês acho que também acontece isso, não é mesmo ? A pessoa vai procurar um professor mas não tem dinheiro para pagar as aulas. Mas a gente vai contornando a situação.

AGENDA

CAMPO GRANDE - MS

2.º Encontro de Violonistas do Mato Grosso do Sul - de 15 a 18/09/1999

Masterclasses, palestras e recitais.

Realização: Secretaria e Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul

Coordenação: Roberto Teixeira

Dia 15: Duo Gisela Nogueira e Michel Maciel

Dia 16: Roberto Capocchi

Dia 17: Duo João Luís e Douglas Lora

Dia 18: Eduardo Martinelli e Orquestra de Violões da E.M.C.G.

Informações: (067) 752-1788/ 782-7616

SALVADOR - BA

16 a 30/08 - Programa Musicistas da Capes - Masterclasses com o violonista italiano Marco de Santi na UFBA. Bolsa de R\$ 300,00 oferecida pela Capes. Informações: (071) 336-1445.

JUIZ DE FORA - MG

27/07 - Recital do Duo: Violãocellando (Henrique Pinto e Gretchen Miller) no 10º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora (MG).

TAUBATE - SP

27/07 - Recital do Quarteto de Violões da ECA-USP. No programa, obras de Bach, Dowland, Villa-Lobos, Torroba, Brouwer. Local: Espaço Mestre Justino às 20:30 hs.

SÃO PAULO - SP

- Projeto Violão no MASP.

Coordenação Artística: Henrique Pin-

to. Sábado às 16 hs. (Ver na seção de anúncios).

- II Mostra de Violões da Biblioteca.

De 26 a 29 de Agosto às 19:30 hs.

Idealização: Tiaraju Aronovich.

Com o sucesso do ano anterior, com uma média de 100 pessoas por apresentação, desta vez o projeto retorna com um número maior de concertos: serão 12, variando entre solistas e grupos de câmara. A mostra terá duração de quatro noites, sendo que em cada noite serão realizados três recitais, oferecendo ao público maior variedade de estilos e repertório. (Ver na seção de anúncios).

NOTÍCIAS

ARACAJU - SE

16/06 - No Conservatório Estadual de Aracaju, na sala Villa-Lobos, o violonista baiano Vladimir Bonfim apresentou-se em recital solo.

BRASÍLIA-DF

06/04 - O Duo Assad tocou o "Concerto para dois violões" de Mario Castelnuovo-Tedesco com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em apresentação única, na Sala Villa-Lobos. Nosso colaborador de Brasília, Marcus Kaufmann, falou com Odair Assad após o concerto e soube que o duo está pensando em vir mais vezes ao Brasil e que esta apresentação foi uma espécie de sequência a um turnê mundial que já passou por alguns países da Europa e Estados Unidos.

30/04 - O violonista costarriquenho, radicado em Salvador, Mario Ulloa, apresentou-se na sala Thomas Jefferson a convi-

te de Jaime Ernst Dias, professor e regente da Orquestra de Violões da Escola de Música de Brasília. Ulloa, em bela performance, tocou "Hommage pour le Tombeau de Debussy" de Manuel de Falla, "Invocación y Danza" de Rodrigo, "Choro da Saudade" e "Un Sueño en la Floresta" de Barrios, "Nos Tempos do Bonde" de Ricardo Tacuchian e mais Garoto e Dorival Caymmi.

CAMPOS DE JORDÃO - SP

O XXX Festival de Inverno de Campos do Jordão teve a presença de Fabio Zanon como professor do curso de violão. Estiveram presentes como concertistas o quarteto paulista Quaternaglia e a Orquestra de Violões de Tatuí.

JUIZ DE FORA - MG

17 a 31/07 - Dentro do X Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga, o professor Henrique Pinto ministrou o curso de violão.

SALVADOR - BA

31/05 - No Teatro Jorge Amado, foi realizada a estréia de "Lendas dos Sertões", concerto para violão e orquestra de Leonardo Boccia, dedicado a Mario Ulloa.

SÃO PAULO - SP

5/06 - Início do projeto "Violões em Série", coordenado por Ivan Claus, com a apresentação do Trio da Escola Municipal de Música (foto ao lado), que tem como integrantes Henrique Pinto, João Luiz e Ivan Claus. Com boa presença de público, o projeto prosseguiu com a apresentação de Marcelo Fernandes e do Duo João Luiz e Douglas Lora, no dia 3/07. *Acompanhe a programação de recitais na seção de anúncios.*

08/06 - O concerto realizado pelo Quaternaglia junto com Paulo Bellinati no Instituto Cultural Itau foi dividido em 3 partes. Na primeira, Bellinati mostrou algumas composições solo, tanto algumas registradas no CD "Lira Brasileira" quanto algumas ainda inéditas. Na segunda parte, o Quaternaglia apresentou peças de Radamés Gnattali e Villa-Lobos e, na terceira, Quaternaglia e Bellinati formaram um quinteto para tocar algumas das composições de Paulo Bellinati destinadas a vários violões, com destaque para a estréia das peças "Meno Mosso" e "Bom Partido".

28/06 - Recital do Duo: Violãocellando (Henrique Pinto e Gretchen Miller) no Centro Cultural São Paulo.

TERESINA - PI

O violonista Erisvaldo Borges acaba de lançar um CD, intitulado "Étnico" no qual mostra a versatilidade do violão ao moldar-se em várias culturas. Erisvaldo apresenta composições suas, como "Rondeña", "Influência Ibérica", "Barcarola", "Fiesta", "Dança do Ventre", acompanhado pelos músicos Ellain Jarlon (baixo) e Fernando Flipper (percussão). O CD, que segue a linha da *world music*, é de linguagem leve e acessível a qualquer apreciador de música. Contatos com o violonista: (086) 222-7251.



FLORIANÓPOLIS - SC

O luthier Roberto Gomes após viver um ano e meio em São Francisco Xavier, interior de São Paulo, mudou-se para a bela Florianópolis. Segundo Gomes, a cidade oferece qualidade de vida, potencial para expansão cultural e artística na região e proximidade a centros como Curitiba, Porto Alegre e ao Cone Sul. O luthier convida a todos os violonistas da região sul a fazerem uma visita a seu novo ateliê.

Cx. P. 10170

Lagoa da Conceição

Florianópolis - SC

CEP 88062-970

Tel/Fax: (048) 237-5044

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

- Em El Salvador, a Sociedade Mangoreana está criando um museu para homenagear o grande violonista paraguaio Agustín Barrios Mangoré, que faleceu em El Salvador. Notícias sobre a iniciativa podem ser obtidas no site da Internet: <http://www.abc.com.py/archivo/1999/05/04/artes.htm>.

- O violonista Michel Maciel se apresentou nos dias 23/05 em Kansas City e em 27/5 em Tucson, Arizona, em recitais organizados pela Kansas City Guitar Society. Douglas Niedt, coordenador desta organização e professor da Universidade do Missouri, comentou a apresentação de Michel: "*Tocou com uma técnica excelente e, mais importante ainda, com paixão e musicalidade*".

MORRE JOAQUÍN RODRIGO, AUTOR DO 'CONCERTO DE ARANJUEZ'

Reuters 06/07/99. De Madri (*reproduzido do site Brasil Online - Cultura*).

"O compositor espanhol Joaquín Rodrigo morreu nesta terça (6), aos 97 anos. Ele é o autor do "Concerto de Aranjuez" para violão e orquestra, uma das peças musicais mais conhecidas de música clássica deste século.

O compositor, que era cego desde a infância, morreu em sua casa em Madri e deve ser enterrado nesta quarta no cemitério de Aranjuez, a 50 quilômetros da capital espanhola.

"Estamos esperando muitas pessoas. Ele era uma instituição e tornou-se conhecido em todo o mundo", disse um porta-voz da prefeitura local. Rodrigo será enterrado ao lado de sua mulher, a pianista turca Victoria Kamhi, morta em 1997.

"Rodrigo era o mais internacional de nossos compositores", disse Miguel Groba, maestro da Orquestra de Madri. "É uma perda irreparável para a música mundial".

Depois de viver em Paris e na Alemanha durante a Guerra Civil Espanhola, Rodrigo retornou a Madri onde foi consagrado como o maior compositor de sua época, graças ao sucesso do "Concerto".

Entre outros trabalhos conhecidos de Rodrigo estão: "Fantasia para um gentilhombre", também para violão e orquestra. O mito do jazz Miles Davis incluiu uma versão do "Concerto de Aranjuez" em seu disco "Sketches of Spain", gravado há aproximadamente 40 anos, dando mais popularidade à obra."

Aguardem para o próximo número artigo especial em homenagem ao grande compositor espanhol.

2ª. MOSTRA DE VIOLÕES NA BIBLIOTECA

de 26 a 29 de Agosto - 19:30 - Entrada Franca

Idealização

Tiaraju Aronovich

Quinta-feira, dia 26:

Marcelo Fernandes

Duo João Luis e Douglas Lora

Henrique Pinto

Sexta-feira, dia 27:

Ivan Claus

Michel Maciel

Paulo Porto Alegre

Biblioteca Monteiro Lobato - Rua General Jardim, 485

mostradevioloes@hotmail.com

Colaboração

Luis Panini

Sábado, dia 28:

Alessandro Pereira

Roberto Capocchi

Trio GTR

Domingo, dia 29:

Tiaraju Aronovich

Paulo Martelli

Quaternaglia

III Concurso Nacional de Violão "Musicalis"

dias 4 e 5/09 às 9.00 horas

Direção Artística: Gilson Antunes

Produção: Musicalis - Estela Gontow

Goussinsky

PROGRAMA DO CONCURSO

I Turno: até 10 anos

Eliminatória: "Entrei na Roda" - do Livro "Ciranda das Seis Cordas" de Henrique Pinto (edição Ricordi Brasileira) ou "Parabéns pra Você" - do livro "Vamos Estudar Violão" (iniciação) de Isaías Sávio (edição Ricordi Brasileira) e uma peça de livre escolha.

Final: "Viva o Zé Pereira" do Livro "Ciranda das Seis Cordas" de Henrique Pinto ou "Você Gosta de Mim" do livro "Vamos Estudar Violão" (iniciação) de Isaías Sávio e uma peça de livre escolha.

II Turno: até 14 anos

Eliminatória: Andante de F. Carulli, do livro "Iniciação ao Violão" de Henrique Pinto, pág. 42 e 43 (edição Ricordi Brasileira) e uma peça de livre escolha.

Final: Andantino de M. Carcassi, do Livro "Iniciação ao Violão" de Henrique Pinto, pág. 59 e 60 e uma peça de livre escolha.

III Turno: até 17 anos

Eliminatória: Uma peça de livre escolha e uma peça de livre escolha de autor brasileiro.

Final: Uma peça de livre escolha e uma peça de livre

escolha de autor brasileiro.

IV Turno: Sem limite de idade

Eliminatória: Uma peça de livre escolha de autor estrangeiro e uma peça de livre escolha de autor brasileiro, exceto Villa-Lobos e Edino Krieger. (duração máxima: 13 minutos).

Final: Uma peça de livre escolha de autor estrangeiro e uma peça de livre escolha de autor brasileiro, exceto Villa-Lobos e Edino Krieger. (duração máxima: 13 minutos).

REGULAMENTO

A inscrição deverá ser feita até o dia **27 de agosto** de 1999 no Musicalis à **Rua Dr. Sodré 38**, Itaim Bibi, São Paulo - SP, CEP 04535-110 - (pessoalmente, por carta ou fax)

Valor da Inscrição: R\$40,00

Requisitos: preenchimento da ficha de inscrição, uma foto 3 x 4 com nome no verso, fotocópia da certidão de nascimento ou RG e comprovante de depósito bancário.

Maiores Informações:

Fone/Fax: (011) 820-1514

Os concorrentes deverão inscrever-se num dos quatro turnos, de acordo com a idade.

- Os prêmios serão distribuídos entre o 1º, 2º e 3º lugar de cada turno, além de prêmios especiais

- Um violão CLAUDIO ARONI no valor de R\$ 2.000,00 para o 1º lugar do IV turno

VIOLÕES

em série

Coordenação: Ivan Claus

dia 7/08

Tiaraju Aronovich

Quarteto de

Violões da ECA-USP

dia 4/09

Ivan Claus

Alessandro Pereira

**Sempre aos Sábados
às 16:30 hs**

Local
Auditório da Biblioteca
Genésio Almeida Moura
Rua Cisplatina 505 -
Ipiranga

Entrada Franca

Projeto

Violão no MASP - 1999

Coordenação Artística: Henrique Pinto
Sábados às 16 hs.

- 7/08 Duo João Luis e Douglas Lora
Paulo Martelli (solo)
- 14/08 Duo Violãoocellando
Violoncelo: Gretchen Miller
Violão: Henrique Pinto
- 21/08 Gustavo Costa (solo)
Trio GTR - Gilson Antunes /
Teresinha Prada / Ricardo Marui
- 28/08 Michel Maciel (solo)
OKTOPUS - Camerata de Violões
- 4/09 Duo de Violões: Barbieri-Schneiter

X CONCURSO DE VIOLÃO
SOUZA LIMA - de 23 e 24/10/1999

Coordenação do Programa:

Henrique Pinto

Coordenação geral:

Antonio M.ario da Silva Cunha

Organização:

Conservatório Musical Souza Lima

I Categoria - I Turno - Infantil até 11 anos

Eliminatória: "Enriqueta" do livro "Ciranda das Seis Cordas" de Henrique Pinto / Uma peça de livre escolha.

Final: "Margarida" do livro "Ciranda das Seis Cordas" de Henrique Pinto / Uma peça de livre escolha.

I Categoria - II Turno - Infanto-juvenil até 14 anos

Eliminatória: "Lágrima" de Francisco Tárrega do livro "Iniciação ao Violão" de Henrique Pinto / Uma peça de livre escolha.

Final: "Estudo em Dó Maior" de Francisco Tárrega do livro "Iniciação ao Violão" de Henrique Pinto / Uma peça de livre escolha.

I Categoria - III Turno - Juvenil até 17 anos

Eliminatória: "Entrée" de G. A. Brescianello do livro "Curso Progressivo de Violão" de Henrique Pinto

Final: uma peça de livre escolha

I Categoria - IV Turno - Sem limite de idade

Eliminatória: Gavota I da Suíte III de alaúde de J.S. Bach do livro "Curso Progressivo de Violão" de Henrique Pinto / Uma peça de livre escolha.

Final: Uma peça de livre escolha de autor brasileiro / Uma peça de livre escolha.

II Categoria - Duo, Trio e Quarteto de Violões

Eliminatória: Uma peça de livre escolha, original ou transcrita, que pertença ao período abrangendo da Renascença ao Romantismo / Uma peça de livre escolha.

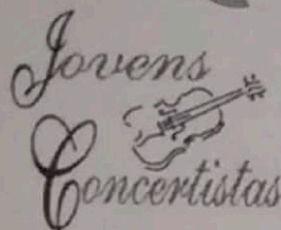
Final: Uma peça de livre escolha de compositor do século XX / Uma peça de livre escolha.

III Categoria - Duo de Violão com outro instrumento

Eliminatória: uma peça de livre escolha de compositor da Renascença ao Barroco / Uma peça de livre escolha.

Final: Uma peça de livre escolha de compositor brasileiro / Uma peça de livre escolha.

- 11/09 Paulo Pedrassolli (solo)
- 18/09 Paulo Porto Alegre (solo)
Quaternaglia
- 25/09 Alessandro Pereira (solo)
Grupo Quadros (sexteto de violões)
- 2/10 João Luis Resende Lopes (solo)
Tiaraju Aronovich (solo)
- 9/10 Ivan Clauss (solo)
Duo: Rocha -Marui (violino e violão)



*A Série Jovens
Concertistas apresen-
ta todos os domingos
às 12 hs os novos
talentos da música
erudita no Brasil*

PROGRAMAÇÃO

Agosto

01/08 - Duo Choro Erudito, com Milton Mori (bandolim) e Marco Bertaglia (violão).

08/08 - Trio de Trompas, com Fernando Moraes, Mario Rocha e Vagner Rebouças.

15/08 - Solo de Violão, com Cláudio Tupinambá.

22/08 - Duo de Canto e Violão, com Sonia Goussinsky (soprano) e Gilson Antunes (violão).

29/08 - Duo de Canto e Piano, com Simone Foltran (soprano) e Vania Pajares (piano).

Setembro

05/09 - Solo de Violão - 1º Colocado do I Concurso Violão Intercâmbio.

12/09 - Solo de Violão - 2º e 3º Colocados do I Concurso Violão Intercâmbio.

19/09 - Música do Século XX para Clarineta, Trompa e Vibrafone, com Renata Menezes, Fernando Moraes e Carlos Tarcha.

26/09 - Orquestra de Câmara Paulista, com o maestro Branco Bernardes.

Domingo - 12hs
Av. Paulista 1313
Entrada Franca

CIA DO GATO

José Luiz Costa (GATO)
ENGENHEIRO DE GRAVAÇÃO

Gilberto Zanoni
Departamento Comercial

Rua Maracá 371 (fundos) - Jabaquara
São Paulo - SP CEP: 04313-210
Fone/Fax: (011) 5581-3833
Celular: 9108-5147

IRMÃOS VITALE S.A INDÚSTRIA E COMÉRCIO



Vitale
SÃO PAULO

*Instrumentos musicais, acessórios,
partituras, vídeo-aulas,
CD's nacionais e importados*

*Possuimos em estoque as peças de
confronto do I Concurso Violão
Intercâmbio*

"Ponteio e Tocatina" (Lina Pires de Campos)

"Suite Quadrada" (Nestor H. Cavalcanti)

"Verdades" (Márcio Cortes)

"Repentes" (Pedro Cameron)

Enviamos para todo o Brasil via SEDEX

Rua Direita 115 - São Paulo - SP

CEP: 01002-001

Telefones: (011) 3104-2024 3107-5564

Fax: (011) 3104-8040

Roberto Gomes
Luthier

*Construção, concertos e reparos em
instrumentos de cordas*

agora em

Florianópolis - SC

Cx. P. 10170

Lagoa da Conceição

Florianópolis - SC

CEP 88062-970

Tel/Fax:

(048) 237-5044